

Epistemologia Ecofeminista

Ivone Gebara

Falar de epistemologia feminista pode parecer estranho e até pretencioso. A questão que nos interessa é abrir a percepção a fim de captar os aspectos fundamentais da vida, ocultados de nosso campo cognitivo. O ecofeminismo nos abre para outras conexões, denunciando o caráter ideológico de boa parte da ciência patriarcal.

A perspectiva ecofeminista tenta introduzir outra epistemologia por sua percepção diferente do ser humano, de sua relação com a Terra e com o Cosmos. Claro, não se pode ter a pretensão dos começos absolutos. Somos um mesmo corpo em processo, em crescimento e não se podem negar os momentos das fases anteriores como se fosse possível recomeçar de um ponto zero. Sabemos que conhecer, organizar e reorganizar o sentido de nossa vida e das coisas é tarefa relativa e nunca acabada.

O que chamamos de “conhecimento” é a maneira mais plausível de dizer algo do mistério que somos e no qual somos. É uma das expressões de nossa maneira reflexiva de existir, de expressarmos nossas imagens do universo, das relações humanas, percepções, desejos e sonhos.

Algumas afirmações, fruto de vivências, integram a epistemologia ecofeminista. Esta é um esboço cujos contornos expressam aspectos da busca sempre recomeçada pelo mundo do conhecimento o desafio e o mistério da palavra “conhecer”.

Conhecer não é, em primeiro lugar, um discurso racional sobre o que estamos conhecendo. Conhecer á antes *experimentar* e nem sempre se consegue traduzir em palavras o que se experi-

menta. Aquilo que dizemos conhecer em palavras o que se experimenta. Aquilo que dizemos conhecer é um pálido desenho do que experimentamos. O que se diz é apenas uma tradução limitada do que se experimenta. Por isso, o que se experimenta não é pensado de maneira completa pela razão nem consegue ser expresso de forma exhaustiva por palavras. A palavra está sempre aquém da experiência, embora seja o único meio de expressá-la. A palavra poética, musical ou pictórica são aproximações do que sentimos.

Nesta perspectiva, é fundamental perguntar: “A que experiência humana corresponde tal afirmação?”. Dizer em palavras provisórias e limitadas qual é nossa experiência em relação a isto ou àquilo é tentar traduzir não só as vibrações que atravessam nosso corpo mas também nosso silêncio mediativo sobre as coisas e fatos da vida. Este seria o segundo passo do que chamamos de “conhecimento”. O primeiro passo é só nosso, aquilo que sentimos acontecer nos limites de nosso corpo, de nossa intimidade pessoal. O segundo passo é a expressão do que conhecemos e esta expressão toma formas variadas segundo os condicionamentos a que estamos expostos. Entre o primeiro e o segundo passo não há um hiato temporal, da mesma forma como não há inicialmente a inspiração e depois a poesia. A poesia já é palavra inspirada e a palavra inspirada é tradição de algo que vivenciamos. A expressão literária, artística ou cotidiana é reveladora da coincidência de nosso eu conosco mesmas(os). Essa mesma “realidade” pode ser dita da teologia.

O que afirmamos serem verdades da teologia são experiências de diferentes tipos feitas por algumas de nós, expressas segundo nossa cultura e vivências. Nós as repetimos como se fossem nossas mas muitas vezes sem torna-las próprias. Nós as repetimos como lição aprendida na escola ou como argumentos de autoridade. Aqui começa a perda dos significados religiosos.

Por isso, se não tornamos nossas essas experiências, corremos o risco de quebrar a seqüência experiencial da vida, dos significados dados atra-



Foto por: Sandra Duarte de Souza

Grupo de Teólogas feministas dos Estados Unidos
"Um Jardim Partilhado", Recife/1997

vés do vivenciado. Fazemos delas "verdades" superiores ao nosso corpo, à experiência e ao cotidiano. Damos-lhes quase existência própria, independente da experiência limitada que as provocou e das palavras limitadas em que foram expressas.

À medida que as distanciamos de suas origens e de nós mesmas(os), fazemos com que tenham um poder oculto sobre nós. Não se trata de um processo unicamente pessoal, mas coletivo. A maioria de nós herdou as verdades da religião como experiências superiores de outros tempos, vindas talvez de outros mundos, que chegam até nós para serem aceitas, confirmadas e contempladas. Embora digamos que vivemos uma religião, na maioria das vezes nos apropriamos apenas epidermicamente dessa vivência. Tal postura justifica em parte o desenvolvimento dos "poderes sagrados". De sua autoridade sobre a vida das pessoas, das manipulações que encerram e dos medos que provocam. É como se apenas os "sábios" e "poderosos" na hierarquia religiosa conhecessem os segredos da religião e experimentassem seus profundos mistérios. Fazer a pergunta a partir da experiência é democratizar esses poderes fazendo perceber que eles existem de formas variadas nos diferentes seres e grupos humanos.

Quando fazemos a pergunta "a que experiência humana corresponde falar de Deus, de Encarnação, de Trindade, de Ressurreição, de Eucaris-

ta?", nos enchemos de espanto. Às vezes parece que estamos à beira do ateísmo ou da heresia porque estas perguntas só se justificam naqueles que foram adoecidos pela dúvida ou perderam o respeito pela autoridade das igrejas. Nos sentimos tomadas(os) de medo por ousar perguntas como estas. Entretanto, elas animam a perspectiva ecofeminista. Recuperar a *experiência humana*, permitir que aflorem em nossa mente e corpo o significado de nossas crenças mais profundas é o fio condutor desta epistemologia. Recuperar a experiência humana é situar-nos na tradição de nossos antepassados e antepassadas, cujos corpos vibraram como os nossos ao vivenciar a tradição e repulsão vivida em relação a tantas coisas de nosso cotidiano.

Isto tudo nos abre para combater a alienações que nos mantêm cativas(os) de um sistema autoritário que limita nossa capacidade de beber de nossa experiência. Recuperar a experiência não é afirmá-la isoladamente, individualista ou apenas antropocêntrica. O antropocentrismo presente em nós, e é inegável pela nossa condição humana, deveria partir de um biocentrismo mais amplo. Nossa consciência humana reflexiva não existe separada do conjunto de nosso Corpo Sagrado. Não podemos prescindir de nossa realidade humana nem de nossa realidade cósmica mais ampla e da realidade do ecossistema.

A partir de nossas experiências nos afirmamos não só homens e mulheres, mas também experiencialmente na e da Terra, no e do Cosmos e tendo-os em nós. É a partir de minha respiração que percebo o ar, sua importância, sua presença atravessando todos os seres vivos. Embora o ar seja maior que minha respiração, só posso falar dele com um mínimo de autoridade porque o experimento como vital. É a partir da atração que sinto por outros corpos que posso vislumbrar palidamente a força de atração que existe na Terra. Como escreve Rosemary Radford Ruether no livro *Gaia & God*: "A capacidade de ser consciente é em si a experiência da interioridade de nosso organismo feita possível pelas células

altamente organizadas de nosso cérebro e sistema nervoso e que constituem a base material de nossa experiência de consciência. A consciência humana, então, deveria separar-nos do resto da 'natureza'. Mais, a consciência é o local onde esta dança da energia se organiza em vias crescentemente unificadas, até que se reflita a si mesma sob forma de autoconsciência. Ela está e deve estar onde reconhecemos nossa integração com todos os outros seres".¹

A partir daí se pode falar de algumas características da epistemologia ecofeminista que está em gestação e em busca de seu corpo de referências.

A interdependência no conhecimento

Se tomamos a experiência de cada ser vivo, podemos dizer que a interdependência é sua primeira nota constitutiva. A interdependência ou relacionalidade é a experiência mais básica de todos os seres, anterior à nossa consciência dela.

Por isso também se pode dizer que o ponto central da epistemologia ecofeminista é interdependência entre todos os elementos que tocam o mundo humano. Esta afirmação vem de nossa experiência. Basta estarmos atentas(os) para o que acontece com nosso corpo, por exemplo, quando sentimos alguma dor intensa. Os gestos mais habituais se tornam difíceis. Quando respiramos com dificuldade até nosso pensamento, ou capacidade de expressar ternura são afetados.

Interdependência significa acolher como fato básico que uma situação vital, comportamento ou crença é fruto de todas as interações que constituem nossa vida, história, realidade terrena e cósmica mais amplas. Não se trata apenas da interdependência e relação com os outros seres humanos, mas com a natureza, as forças da Terra e do Cosmos. O conhecimento é um ato humano no que se refere ao tipo de elaboração e consciên-

cia particulares a nosso tipo de organização vital, mas é também conhecimento animal, vegetal e cósmico em nós. Essa segunda forma de interdependência não é trazida à luz de nossa consciência e quase não é considerada. Não lhe damos importância porque parece óbvio que, se vivemos em algum lugar, é a partir dele que respiramos, nos alimentamos, caminhamos. Entretanto, nossos sentidos ainda não estão educados para dar-lhe importância. No momento em que o fizermos, seremos capazes de cuidar da Terra e seus habitantes como parentes próximos, como partes de nosso corpo maior, sem o qual nenhuma vida e conhecimento individuais são possíveis.

A perspectiva ecofeminista quer abrir-nos para a importância de um Corpo Maior que meu próprio eu individual a fim de alargar nossa capacidade de respeitar e cuidar dele. Não se trata de negar minha individualidade e todas as minhas experiências pessoais. Trata-se de uma convocação em vista de uma percepção maior de nosso Ser Maior e de uma abertura para captar outros recursos disponíveis em nossa existência que não se limitam ao horizonte antropocêntrico.

A partir da interdependência delinea-se uma nova compreensão do conhecimento. Temos de abrir-nos para experiências mais amplas do que aquelas a que nos habituamos secularmente. Temos de introduzir nos processos educacionais a perspectiva de "comunhão com" e não a de conquista da Terra e do Cosmos. Daí se reduziria a competitividade nas escolas e na organização econômica e nos abriria para o cultivo de qualidades esquecidas neste sistema hierárquico e excludente.

A história da filosofia ocidental nos revelou diferentes aspectos de ser humano, desde sua dimensão de animal racional até a sua solidão e "ser para morte". Embora essas filosofias mantenham valor e a capacidade de expressar muito do que experimentamos, o ecofeminismo nos convida a sair da subjetividade fechada e da consideração do mundo e dos outros como objetos submissos à nossa vontade.

1. Rosemary R. REUTHER, "Gaia & God - an Ecofeminist Theology of Earth Healing", Harper, San Francisco, 1992, p. 250.

Não se trata apenas de afirmar a relação entre o sujeito humano e os objetos do conhecimento mas perceber que os objetos estão contidos no sujeito. O sujeito é sujeito e objeto não separado, mas interdependente, inter-conectado com tudo o que se propõe a conhecer. E o conhecimento pessoal é apenas um aspecto dessa relação. Trata-se de articular subjetividade/objetividade, individualidade/coletividade, transcendência/imanência, ternura/compaixão/solidariedade, plantas/humanidade, animais/humanidade a partir de uma perspectiva englobante.

O drama existencial do ser humano não é isolado, embora saibamos que a dor maior é misteriosamente sentida em cada ser. Nossa trágica situação de miséria, violência, júbilo, ternura e esperança é uma relação íntima com o conjunto de nosso Corpo Cósmico e nos abre para uma nova compreensão do ser humano. Nessa epistemologia, o “humano” aparece na sua espantosa conexão com o “não humano”. Assim, não se podem mais reduzir as experiências humanas a um tipo de consciência existencial moderna, mas tentar uma nova compreensão de nosso ser pessoal no Ser Maior, no Corpo Sagrado da Terra e do Cosmos.

Admitir a interdependência entre todas as coisas pareceria quase uma evidência e o fato de admiti-la não modificaria nosso conhecimento. Muitas vezes se admite a interdependência de forma mecânica. Mas o que propomos não é uma interdependência mecânica, mas vital, visceral, sagrada.

Essa interdependência sagrada exigiria uma modificação radical nas economias de mercado transnacionais que não respeitam as culturas regionais e quase sempre agridem o solo e as populações ali estabelecidas. Isto exigiria uma nova compreensão da constituição das nações ligadas a etnias, usos e costumes assim como uma nova rede de relações entre os povos. Isto exigiria a extinção das indústrias de armas e o incremento de nossas frentes de trabalho. Isto exigiria repensar a teologia cristã não a partir do dogma pré-estabelecido mas da vivência concreta dos grupos

que se inspiram da mesma fonte de sabedoria que inspirou Jesus de Nazaré. Essa fonte tem de ser acolhida como múltipla e diversificada. Abre-se um novo diálogo entre as religiões, fundado no respeito às formulações diferentes e sobretudo na abertura a um aprendizado de novos caminhos de convivência humana e ecossistêmica. Melhor seria falarmos de diálogo entre religiões diferentes e não de religiões não-cristãs para não conservarmos o ranço da superioridade imperialista que caracterizou o mundo cristão. A interdependência do conhecimento abriria uma nova página na teologia cristã, levando-nos a afirmações mais existenciais, humildes, aproximativas e dialogais.

A realidade processual do conhecimento

A epistemologia patriarcal acentuou uma perspectiva de progresso do conhecimento em linha reta. A linearidade evoca o caminho da retidão, com conotação moral. O melhor estaria sempre adiante e para além de nós.

Estamos longe da curva que assemelharia aos caminhos tortuosos e moralmente desviantes. Estaríamos longe da espiral, dos polígonos de múltiplos lados, das formas criativas cujos contornos não têm nome. Na linearidade embora cheia de acidentes, a finalidade do conhecimento teológico sempre se apresentou de forma clara. Esta se apresenta como o conhecimento “verdadeiro” sobre Deus e sobre Jesus Cristo. Falar de linearidade do conhecimento é referir-se a sua causalidade. É preciso voltar ao começo da linha para descobriremos as causas e no final encontraremos o mesmo começo. É uma linearidade circular. O começo parece ter algo de explicativo, de regenerativo. Sem dúvida é significativa essa experiência numa perspectiva que se quer alternativa, mas é preciso superar essa linearidade e acolher a complexidade da realidade processual que somos.

A perspectiva ecofeminista prefere a palavra “processo” a “linearidade”. Conhecimento processual significa que, ao conhecimento global da humanidade, acrescentamos algo de múltiplas

formas que não necessariamente obedecem a uma causalidade previsível. Perdemos sempre algo de experiências, de sabedorias, de poesias.

Conhecer é perceber, captar, organizar, perder, transformar em forma de sentido o universo no qual existimos. E este é um processo contínuo, como as peças de um caleidoscópio passível de novos arranjos. Basta um leve balanço para que tudo se organize de outra maneira, algumas formas e percam o não consigamos recupera-las. Nessa perspectiva não se consagra um momento do passado ou o futuro como um paradigma para todos os tempos mas afirma-se a extraordinária dinâmica do conhecimento condicionando-a às necessidades vitais dos grupos humanos.

Há populações que não modificaram hábitos ancestrais enquanto outras já ultrapassam a era atômica. Daí se deduz que o conhecimento não é inerente, mas diversificado segundo os condicionamentos por que passamos. Sobretudo, o conhecimento é movimento a partir de uma determinada cultura, de um grupo historicamente situado. Não se pode estabelecer certo conhecimento cultural como o ponto central e paradigmático a partir do qual todos deveriam ser julgados. Por isso, todo conhecimento é relativo ao mundo a partir do qual se conhece e às pessoas que realizam o ato de conhecer. Mais uma vez a palavra "processo" expressa melhor a experiência humana cotidiana e nossa estrutura cognitiva.

Espírito/matéria, mente/corpo

O discurso de unicidade do corpo e do espírito já foi objeto de muitas discussões. Entretanto, é preciso tirar as conseqüências disso, para uma elaboração antropológico-teológica diferente. Com freqüência essa unidade foi apenas afirmada para se opor ao dualismo tradicional e se tornou um jeito novo de camuflar esse dualismo.

Como diz Rosemary Radford Ruether: "O conceito de dois tipos de corpos permitiu à teologia explicar a imortalidade do 'corpo criado' como a passagem do corpo mortal para o corpo imortal,

'espiritual'. Se toda matéria é material e mortal, e não há mais um refúgio celeste espacialmente localizado no cume do sistema cósmico, então esse retrato do mundo onde Deus paira e a alma vive como seu corpo transfigurado vai para a morte e desaparece".²

Concretamente, falar de unidade de nossa realidade humana implica afirmar outra cosmologia, outro "retrato" do mundo, outra imagem de Deus. E isto é um grande desafio para o ecofeminismo.

A antropologia cristã tradicional baseia-se na distinção dualista entre "coisas do corpo" e "coisas da mente" ou do espírito. No universo teológico distinguem-se as coisas de Deus das coisas do mundo e humanas. Privilegia, nessa perspectiva, uma teologia da ressurreição bastante vulgarizada que conserva o dualismo. O discurso sobre a ressurreição como um "acontecimento" pós-morte anula a importância das ressurreições, das simples conquistas cotidianas, dos gestos de justiça, ternura e beleza na história.

Na perspectiva filosófica tradicional, o discurso em relação ao corpo e ao espírito na se refere apenas a uma linguagem para expressar maneiras diferentes de captar nossa realidade, mas se refere a duas "substâncias" conjugadas na existência.

Trata-se de uma metafísica com contornos definidos, de uma cosmologia, antropologia e epistemologia que se fixaram e privilegiaram um mundo em detrimento de outro, partes do corpo em detrimento de outras, um sexo em detrimento do outro, a vontade do Criador em oposição à vontade das criaturas. Isto significa que se pensa, se trabalha se age como se o nosso universo não apenas correspondesse a estas separações mas, de fato, Deus assim o quisesse. Ele aparece como quem dá fundamento a essa construção imaginária do real.

2. Rosemary R. RUETHER, "Gaia & God - an Ecofeminist Theology of Earth Healing", Harper, San Francisco, 1992, p. 33 e 34.

Numa perspectiva ecofeminista, tais separações desaparecem e somos convidadas a viver a unidade da matéria, da energia que nos constitui sem saber o que ela é. Já não podemos abrir o combate do espírito contra o corpo, dos anjos contra os demônios, de Deus contra a humanidade, mas é preciso recomeçar em todos os níveis a reconstruir a unidade que somos, a inclusão de nosso ser em todos os processos evolutivos no espaço e no tempo. Então acolheremos a mortalidade de nossa vida junto com a das flores e pássaros, de nossos sonhos e deuses. Acolheremos a transformação de nosso corpo individual no mistério de nosso Corpo Sagrado: E porque a vida irrompe nesse universo, tornou-se vitalmente mortal que o amor do instante tem de ser intenso, que o respeito a todos os seres é uma obrigação, a busca da justiça uma luz e a felicidade possível um direito inalienável de todos os seres.

Há uma beleza nessa indissociabilidade e interconexão que nos convida a desenvolver posturas da vida que não posterguem a justiça e a ternura e a felicidade para uma eternidade imaginada; posturas de vida que revalorizem o efêmero, o momento que passa, o pôr-de-sol, a flor, a morte. Efêmera é a vida e o conhecimento, efêmera e misteriosa é a sabedoria.

A questão é contextualizar o conhecimento a partir da experiência cotidiana de homens e mulheres. Sabemos o quanto a sociedade patriarcal insistiu na separação entre domínio do público e o privado. O público era um domínio masculino e privado ou doméstico, feminino. Atribuiu força e coragem aos homens; fragilidade e temor às mulheres. Ora, isso não é essencialismo mas cultura fundada em interpretações biológicas e culturais ideologizadas. E isso tem a ver com nossa maneira de nos aproximar do mundo, de desenvolvermos nossos papéis sociais e o conhecimento que temos deles. Não fazemos valer uma essência feminista pré-determinada, nem uma natureza bruta a ser domada, mas a realidade concreta relacional de um estado de fato, no qual nosso conhecimento de mulheres se desenvolveu e permaneceu reduzido ao universo doméstico.

Uma epistemologia feminista afirma que a dimensão de gênero não só tem algo a acrescentar ao conhecimento, modifica seus princípios, seu fundamento e expressão histórica.

Epistemologia de gênero e de ecologia

A epistemologia ecofeminista introduz a questão de gênero e a questão ecológica como mediações para a compreensão e interpretação do mundo e do ser humano. Tais mediações não são instrumentos ou objetos para o conhecimento no sentido de que as empregamos como meios para conhecer a realidade. "Mediação" tem um significado mais amplo: aquilo que é meio e finalidade constitutiva do sujeito que conhece e da realidade que se dá a conhecer. O meio não é instrumento que uso e descarto quando não necessito mais dele. Nesse sentido, "meio" é meio e início e fim que se incluem num mesmo processo cognitivo; a dimensão feminina é constitutiva da realidade humana assim como a ecologia, embora estas só recentemente tenham emergido à luz da consciência histórica.

Ao introduzir gênero em epistemologia afirmamos que na construção social do conhecimento humano o masculino e o feminino devem expressar sua maneira de ver o mundo. Ora, nós mulheres estamos denunciando o caráter prioritariamente masculino e universalista do conhecimento social. Assim, pleiteamos sair o feminino. Universalização significa que se toma o conhecimento masculino como paradigmático. Sobre generalização significa que se sabe se trata de algo referente ao masculino ou feminino, Assim, muitas vezes se fala de "direitos humanos" mas se sabe que no concreto apenas alguns homens privilegiados podem usufruir deles. Provavelmente, nem se tem consciência das situações concretas e possibilidades reais das mulheres de ter acesso a tais ou tais direitos.

A questão de gênero introduzida pelo feminismo quebra o mito do universalismo nos diferentes campos do saber. Decretou a necessidade de rever

o conhecimento humano revelando seus limites e mostrando o quanto a História oficial não inclui as mulheres e os povos oprimidos. O conhecimento adquirido e expresso como tal revela quase que unicamente a experiência masculina. Como escreve Seyla Benhabib, em *Situating the Self*: "Precisamos apenas lembrar da crença de Hegel de que a África não tem História. Até muito recentemente nem as mulheres tinham História própria, narrativa própria com categorias específicas de periodização e regularidades estruturais".³

O masculino não pode mais ser sinônimo de humano e de histórico e o ecológico não pode mais ser considerado um objeto da natureza a ser estudado e dominado pelo homem. Tal abertura introduz outros referenciais para o nosso conhecimento, mais amplos do que os estabelecidos pela epistemologia patriarcal.

Algumas pessoas temem que o ecofeminismo traga nova perspectiva essencialista ao afirmar a diferença entre aproximações epistemológicas femininas e masculinas. Não se trata de essencialismo biológico ou filosófico, mas de abrir a epistemologia para uma perspectiva plural que inclui aspectos comuns a homens e mulheres de uma dada cultura, mas inclui aspectos diferentes nascidos de experiências diversas.

Estamos abalando os processos cognitivos tradicionais e o feminismo é incluído como um dos movimentos sociais que mais contribuiu para provocar este abalo.

Esta inserção crítica do feminismo na epistemologia na epistemologia não é a mudança radical do ato de conhecer mas a mudança na sua perspectiva e resultados, nos seus conteúdos e história, na organização do conhecimento, da sociedade e do poder. Significa relativizar "verdades" culturais ou científicas, por exemplo em relação à inferioridade "intelectual" das mulheres ou a sua capacidade intuitiva.

O feminismo levanta suspeitas às aquisições tranquilas da tradição patriarcal, questiona a objetividade da ciência, seu caráter aparente asexual para reafirmar que o conhecimento humano é situado em nossa realidade social, cultural e sexual. O conhecimento passa a ser um caminho andado às apalpadelas, no qual cada hipótese e percepção se corrige, se precisa e complementa ao se caminhar através das gerações.

Gênero e ecologia também modificam o conhecimento teológico. A afirmação de uma divindade absoluta, expressão de sei dublê histórico masculino não resiste às críticas já fortes de todos os movimentos feministas latino-americanos e mundiais. Uma divindade de expressão masculina que preside a todos os fenômenos da natureza, movendo-os segundo sua vontade já não se sustenta diante da complexidade da história do Universo como é narrada por muitos cientistas, particularmente nos últimos 20 anos.

A ecologia vem revalorizando em diferentes partes do mundo o resgate das "culturas originárias", que não se limitam ao mundo indígena latino-americano mas abrem às tradições africanas vigentes em nosso continente. Um mundo em que os ancestrais e as forças da natureza têm lugar privilegiado é resgatado como valor cultural e não como "coisa do demônio" como diziam os antigos missionários.

Depois de um curso que animei em 1994, uma aymara da Bolívia me disse: "com o ecofeminismo não tenho vergonha de falar de minhas crenças desde minha cultura. Não preciso dizer que elas têm elementos cristãos para que sejam boas, mas que elas simplesmente valem o que valem e não valem o que não valem". Isto porque também o cristianismo se impôs como critério de verdade das religiões do continente.

Essa revalorização não é um processo conduzido pelos "brancos arrependidos", mas pelos filhos e filhas das vítimas dos processos colonialistas em que o racismo foi usado como arma para impor as verdades "brancas, cristãs e masculinas".

3. Seyla Benhabib, p. 213



Figura de María Lionza. In.: *Diosas y Arquétipos*, p. 36

Estamos no começo de um processo de grandes conseqüências para o mundo. Por isso, o cuidado em respeitar nossa história pessoal, a história dos diferentes grupos e em denunciar as violências escondidas é uma exigência para toda a comunidade humana. Uma solidariedade vital começa a se fazer sentir entre os grupos humanos para sua sobrevivência e a da biodiversidade de nosso planeta. Este é um desafio ético presente na epistemologia ecofeminista.

Epistemologia contextual

A epistemologia ecofeminista é contextual, é exigência do movimento histórico em que vivemos e se desenvolve a partir de contextos locais embora se conecte numa perspectiva global.

“Contextual” significa não absolutizar nossa forma de conhecer hoje mas admitir sua

provisoriidade histórica e a necessidade de estarmos sempre abertas(os) aos novos referenciais que a história e a vida mais ampla nos sugerem. Uma epistemologia contextual busca referir-se ao contexto vital de cada grupo humano como referencia básica. É a partir desse contexto que seus limites de abertura e de acolhida do diferente. Não se trata de julgar os grupos de São Paulo ou de Nova York. Não se trata de assumir as comunidades de base de alguns países da América Latina como modelo para os países africanos e vice-versa. Trata-se de captar a lógica em cada epistemologia contextual, seu sistema de valores e contra-valores, sua tradição histórica escravista, libertária ou outra. Partilho as observações sábias de Otto Maduro: “Talvez um dos muitos maus costumes ocidentais seja a mania de definir, classificar e julgar outras pessoas e culturas pelas respostas que elas dão a nossas perguntas. Mas, e se nossas perguntas não tiverem o menor significado para essas outras pessoas? Além disso, quem nos garante que nossas perguntas serão entendidas pelos outros da mesma maneira como nós as entendemos?”⁴

A epistemologia ecofeminista que propomos valoriza o contexto em que a experiência e o conhecimento se desenvolvem embora se abra para horizontes e articulações mais amplas. Ela requer uma cosmologia/antropologia contextuais, embora com abertura para o fato de que nos diferentes contextos estão presentes elementos de universalidade. Esses elementos comuns são a expressão de que pertencemos à mesma e extraordinária explicação da Vida a que chamamos vida humana.

A interconexão entre todos os aspectos da vida humana, inclusive nossas crenças, está na base da construção desse novo tecido de relações, comportamentos e significações.

A epistemologia contextual mantém a tensão entre o caráter regionalista e o caráter universalista

4. Otto MADURO, “Mapas para a Festa – Reflexões latino-americanas sobre a crise do conhecimento”, Petrópolis, Editora Vozes, 1994.

do conhecimento humano. Um conhecimento é sempre um conhecimento a partir de algo. Essa locação espaço-temporal o abre à universalidade. Ela não significa a validade de um conhecimento concreto para todos os grupos humanos, mas a regionalidade universal de todo o conhecimento. O conhecimento é universal não quanto à forma do conteúdo apreendido mas à maneira regional de apreender a dimensão de universalidade que nos caracteriza. A partir daí, o mundo humano se encontra na sua diversidade universal.

A epistemologia feminista e ecológica anuncia, já, a presença talvez embrionária de outra compreensão do mundo e do ser humano que se distancia em parte das concepções tradicionais. Este é um dos desafios positivos desse final de milênio.

Epistemologia holística

As epistemologias de origem cartesiana, epistemologias do “penso, logo existo”, nos condicionaram a entender o conhecimento humano como limitado a processos mecânicos que passam no interior do sujeito e se expendem para o “mundo objetivo”. A partir dessa subjetividade “objetiva” afirmam a racionalidade e a cientificidade de seu conhecimento ou sua objetividade.

Uma epistemologia holística quer acolher o fato de que não apenas somos num todo, mas o todo está em nós. Conhecemos desta maneira porque a evolução anterior a nós e em nós, se constituiu a nossa forma atual de nos aproximar da realidade e de dizermos que conhecemos.

A epistemologia holística nos abre para a possibilidade de conhecer o que está para ser conhecido de formas múltiplas, fazendo apelo as diferentes capacidades cognitivas que nos habilitam e que são irreduzíveis a um único discurso de tipo racionalista. Esta perspectiva toca também a teologia, convidando-a a “alargar suas tendas” para além de um discurso monoteísta sobre Deus, para além de um aprendizado catequético e de uma dogmática que pode ter até caráter fascista, pois se torna impositiva e punitiva. O holismo

teológico abre as portas para a múltipla experiência humana da relação com os valores que dão sentido a nossa existência humana da relação com os valores que dão sentido a nossa existência humana da relação com os valores que dão sentido a nossa existência e poderiam ser chamados de “sagrados”. “Sagrado” é o nome das coisas e relações que nos são caras, que tem relevância em nossa vida. Sagrada é a beleza que atravessa todas as coisas, são nossas perguntas sem resposta, que atravessam os mais diversos tempos e espaços culturais e continuam sendo interpretações incessantes. Sagrada é a Vida!

Epistemologia afetiva

Introduzir a afetividade no conhecimento espanta os filósofos mais objetivos. Afeição tem a ver com sedução, com movimento apaixonado para os outros ou para as coisas que queremos conhecer. Afeição tem a ver com erotismo, com os sentidos, com as emoções que tomam conta de nossas entranhas. A partir do envolvimento apaixonado, se percebem aspectos que passariam despercebidos na ação de conhecer.

A introdução da afetividade sugere a impossibilidade de determinar com clareza os limites entre objetividade e subjetividade; ela nos abre para o universo das emoções como fonte de conhecimento e não como o lado obscuro de nossa razão. Esta perde sua força quando a cortamos das paixões, da sedução, da emoção, da admiração, do encantamento que os seres, do universo e humanos, exercem sobre ela. O que é isto que chamam de razão? Seria possível isola-la de nosso ser, torna-la coisa superior, melhor, mais nobre? Como sobreviveria sozinha em sua pureza racional?

A identificação da razão a uma “senhora rígida”, regida por regras escritas, aprisionou a criatividade, exilou a razão de si mesma, alienando-a do todo o nosso ser, do qual depende e se alimenta.

A razão não existe por si, não é algo em nós com existência independente. Somos razão, e emoção, e sentimento, e paixão, e sedução. So-

mos uma extraordinária mistura, capaz de acentuar diferentes aspectos de nós mesmas(os).

Já não se aceitam mais as antigas distinções entre o masculino/razão e o feminino/emoção-intuição. Tais divisões são impostas ao ser humano a partir da visão dualista própria da estrutura patriarcal e apresentada como simplesmente natural.

Uma epistemologia com características afetivas reconhecer que a gama imensa de emoções e afeições se manifesta em homens e mulheres em sua originalidade pessoal, sus condicionamentos e cultura. Natureza e cultura não são realidades separadas no universo humano, mas são realidades interconectadas que nos permitem ser o que somos e permitem à Terra ser hoje o que ela é. Natureza e cultura são inseparavelmente razão e emoção.

Epistemologia inclusiva

A epistemologia ecofeminista tem pretensão de querer ser inclusiva. Isto significa que não impõe limites rígidos ao conhecimento. Em primeiro lugar, trata-se de inclusivismo no que se refere à diversidade de nossas experiências; ele não tem apenas conseqüências cognitivas, mas conseqüências éticas. Assim, não nos orientamos por um único padrão, paradigma, cultura, cristianismo ou orientação sexual que se imponham como normativas. Daí a vacuidade de um único critério para o conhecimento verdadeiro.

O caráter inclusivo toca os diferentes saberes. Por exemplo, um estudo sociológico se abre a outros do saber e deles depende. Dá uma contribuição específica, tem certa autonomia, mas não é independente dos outros saberes.

Tentamos superar as formas mecanicistas de conhecimento em que o todo é apenas a soma de partes e cada parte pode ser considerada uma peça independente. A epistemologia inclusiva tem a ver com o caráter de interdependência recíproca no qual existimos e somos. Se acentuamos um aspecto do conhecimento, devemos estar cientes de que se trata de procedimento metodológico, dada a nossa impossibilidade de discursos totalmente

abrangentes. Mas, o que o conhecemos não deixa de estar conectado a outros conhecimentos e sobretudo a tudo o que desconhecemos.

Nosso conhecimento é ao mesmo tempo desconhecimento e, certamente, mais este do que aquele. O desconhecimento nos abre para o conhecimento, incita nossa curiosidade e desejo de ver o que ainda não vemos. Tal epistemologia relativiza nossa pretensão de dominação do mundo apenas através das ciências e do imperialismo que elas nos impõem.

A dimensão inclusiva é essencial ao conhecimento teológico. A experiência de Deus é inclusiva de outras; nossas percepções, intuições, êxtases e buscas são arte e conhecimento que se expressa de mil e um maneiras sem que nenhuma esgote a outra.

A experiência religiosa é polifônica, multicolorida embora no fundo de cada uma se ouça algo de uma mesma nota ou se perceba algo de uma mesma cor: a busca de sentido para a existência, algo misterioso que nos habita e ultrapassa, de algo sem nome nem lugar embora com muitos nomes e em muitos lugares.

Uma epistemologia inclusiva acolhe a multiplicidade das experiências religiosas como expressões diferentes de uma mesma respiração e busca de unidade. Não é um novo idealismo nem um inclusivismo sem critério. Propomos a rearticulação dos nossos valores de vida no interior de nossos processos cognitivos.

Tudo isso nos prepara para acolher a biodiversidade na natureza mas a biodiversidade como realidade constitutiva dos seres humanos. A acolhida desta "realidade" é passo fundamental para uma fala sobre a "biodiversidade do Mistério de Deus":

(...) Flor não é Deus, terra não é, eu não sou.

Pobre e desvalida entrego-me ao que seja esta força de perdão e descanso, paciência infinita.

Quase posso dizer; eu amo.⁵

5. Adélia PRADO, "A sagrada face" em "poesia reunida", São Paulo, editora Siciliano, 1991.